

PESQUISA SOCIAL INTERDISCIPLINAR (1/2024)

Disciplina: PESQUISAS SOCIAIS EM PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR E INTERSETORIAL

Carga horária: 45 horas (3 créditos)

Turma: Sexta-feira, 14h às 16h45

Professor: Pedro Demo

E-mail: pedrodemo@gmail.com

Ementa:

Fundamentos da pesquisa qualitativa: seu lugar nas ciências sociais. Realidade como complexa e linear: no lado linear, sequencial, causal, formalizável, quantitativo, cabem abordagens comuns às ciências físicas, de cunho *lógico-experimental*; no lado complexo, é preciso lidar, para além do lógico-experimental, com *contradição, ilógica, ambivalência, intersubjetividade, dinâmicas rivais e recíprocas*, como são as sociedades e a vida. Abordagens relevantes. i) dialética histórico-estrutural; ii) crítica ao positivismo e empirismo; iii) fundamentos da abordagem qualitativa (metodológicos e epistemológicos) e relação teoria-práxis; iv) complexidade e interdisciplinaridade; v) critérios de cientificidade (discutibilidade formal e política). Ciência aberta (novas epistemologias). Imperialismo cognitivo e eurocentrismo colonialista. Vozes silenciadas em ciência (das mulheres, negros, indígenas, minorias). Qualidade formal e política da ciência. A realidade é complexa, mas o pensamento é abstrato: explicar é simplificar – teorias como discurso ordenado para entender a desordem.

Razão do Curso:

A proposta de mestrado profissionalizante sobre a temática das políticas públicas da infância e da juventude supõe, em geral, “objetos” de pesquisa ditos qualitativos, por se tratar de dimensões intensas, políticas, profundas, intersubjetivas, hermenêuticas, complexas, práticas que pedem não só análise formal da realidade, mas igualmente propostas de mudança. Os “objetos” de pesquisa, quando são grupos sociais (infância e juventude), são sujeitos: não podem ser objetificados, reduzidos a tratamentos formais; estes são cruciais para a cientificidade, mas a qualidade política não é menos. Não se faz ciência sem formalizar o “objeto” (bem definido, restrito, manejável, viável), mas não é “objeto” – a relação é dialética e de sujeitos. Na relação de poder, quem manda tende a objetificar a relação. Mas, esta, sendo dialética, é de sujeitos – ambos os lados são constitutivos e a relação poder virar os lados. Toda teoria reduz a realidade ao tamanho do ponto de vista, por conta da autorreferência humana (não vemos tudo, mas o que se consegue ver – não vemos as coisas como são, mas como somos). Para entender a realidade transbordante, apelamos para formalizações simplificadas, observando o que é recorrente, o que se repete, o que não varia (leis, regularidades), na suposição bem problemática de que o mais frequente deve ser o mais importante.

Acentuam-se visões abertas de ciência, não positivistas, críticas autocríticas, capazes de reconstrução autoral constante, mais apropriadas para dar conta da realidade inesgotável,

também contraditória, em ciências sociais. Por isso, o critério maior de cientificidade é a capacidade de manter-se questionável intersubjetivamente, continuando a aprender do debate e do confronto com a realidade. Não estabelece a verdade (é um termo religioso, não científico), mas a validade própria da ciência, que é relativa, sem ser relativista. Não há teoria final, porque não há teórico final. As propostas em voga, em geral eurocêntricas, guardam o viés colonial; ciência é “multicultural”; mesmo sendo o conhecimento mais importante hoje, não substitui outros saberes. A vida é complexa demais e precisa de todos os saberes, experiências e histórias. Discute-se o entendimento da produção científica, usando visões abertas de ciência, não positivistas, novas epistemologias (também virtuais), que permitem tratamento mais qualitativo e diverso dos desafios da pesquisa social, bem como esforços interdisciplinares que buscam ser mais condizentes com a complexidade da sociedade e da vida em geral. Busca-se o equilíbrio entre pesquisar a realidade e mudar a realidade, para que o ímpeto de mudar não devore a epistemologia e vice-versa. Afastam-se determinismos de toda sorte (“impérios cognitivos”), em nome de abordagens que preservam a diversidade de olhares, devidamente argumentados. Ciência é um dos conhecimentos fundamentais da sociedade, mesmo sendo o mais respeitado hoje, apesar do negacionismo; não é único, nem supremacista; não pode ser colonialista. **Teorias não se adotam; se usam, se reconstroem, se desconstroem.** Lemos um autor para nos tornarmos autores.

Faz parte da pesquisa social não produzir resultados definitivos, sendo sua obsolescência natural. Teorias e teóricos passam, podem tornar-se clássicos, mas uma teoria de 200 anos atrás sobre a sociedade, mesmo podendo ser útil para nosso entendimento atual da sociedade, precisa ser reconstruída. Continuamos, por exemplo, admirando a abordagem socrática em educação, mas o contexto socrático é muito diverso do atual. Quando reconhecemos que certos autores continuam atuais, reconhecemos sua qualidade analítica capaz de sobreviver aos tempos, mas os tempos são outros. A teoria social é um exercício eterno de autorrenovação.

O curso realça a autoria dos estudantes, algo essencial no mestrado, mas também porque **aprender é um exercício de autoria.** As aulas podem ser úteis, mas sua razão é facultar a autoria própria. Por isso, haverá oportunidade de apresentação dos estudantes, após as aulas iniciais.

O curso conta com Laísa Martins, como assistente.

Bibliografia

1. Livros do professor (neles consta bibliografia imensa, que pode ser consultada)

Metodologia científica em ciências sociais, Atlas, 1995.

Praticar ciência, Saraiva, 2011.

A força sem força do melhor argumento. Ibict, 2011.

Complexidade e aprendizagem. Atlas, 2002.

Metodologia do conhecimento científico. Atlas, 2000.

Pesquisa e construção do conhecimento. Tempo Brasileiro, 1994.

Pesquisa e informação qualitativa. Papyrus, 2001.

Pesquisa Participante, LiberLivro, 2004.

Ciência Rebelde, Atlas, 2012.

Introdução à Metodologia da Ciência. Atlas, 1985¹.

Textos do blog, em especial:

¹ [Metodologia Científica em Ciências Sociais](#) [Praticar ciência](#) [Pesquisa Participante](#) [Pesquisa e informação qualitativa](#) [Pesquisa e construção do conhecimento](#) [Metodologia do conhecimento científico](#) [Complexidade e aprendizagem](#) [Ciência Rebelde](#) [A força sem força do melhor argumento](#) [Introdução à Metodologia da Ciência](#)

Ensaio 983 - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/12/ensaio-983-ciencia-1-questionar-para.html>

Ensaio 984 - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/12/ensaio-984-ciencia-2-valor-do-ceticismo.html>

Ensaio 985 - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/12/ensaio-985-ciencia-3-ciencia-e-o-que-os.html>

Ensaio 986 - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/12/ensaio-986-ciencia-40-ciencia-diversa.html>

Ensaio 936 – pensamento complexo (Morin) - <https://pedrodemo.blogspot.com/2023/06/ensaio-936-pensamento-complexo-de-morin.html>

Ensaio 628 – Dissertações e teses - <https://pedrodemo.blogspot.com/2021/05/ensaio-628-de-dissertacoes-e-teses-pos.html>

Vícios metodológicos - https://docs.google.com/document/u/0/d/1_8zVub7Uh0Qi83K6DTaEWOSxz3A5owMkpQN6nKT-DYNg/pub

Peço que todos leiam e estudem o texto: Pesquisa Qualitativa precisa de fundamentos epistemológicos (no blog: <https://pedrodemo.blogspot.com/2022/01/ensaio-771-pesquisa-qualitativa-precisa.html>). Este texto será trabalhado detidamente nas primeiras aulas.

2. Outra bibliografia

BACHELARD, G. 2002. Formação do Espírito Científico. Contraponto Editora, São Paulo.

BACHELARD, G. 2009. A Filosofia do Não. Presença, São Paulo.

BRANDÃO, C.R. (Org.). 1984. Repensando a Pesquisa Participante. Brasiliense, São Paulo.

BACKES, D.S., COLOMÉ, J.S., ERDMAN, R.H., LUNARDI, V.L. 2011. Grupo focal como técnica de coleta de análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, 35(4):438-442. https://bvs.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf

BRANDÃO, C.R. & STRECK, D.R. (Orgs.). 2015. Pesquisa participante: a partilha do saber. Ed. Ideias e Letras.

COULDRY, N. & HEPP, A. 2016. The mediated construction of reality. Polity, London.

DEMO, P. 2004. Pesquisa Participante – Saber pensar e intervir juntos. LiberLivro.

DEMO, P. 2019. Direitos Humanos Supremacistas à Brasileira - De como fabricar cidadanias privilegiadas - <https://drive.google.com/file/d/1q9IkToL5jPHSSfEXbJa8DAy8n-KWORjM/view> (no final - discussão sobre a Comuna de Paris).

FREIRE, P. 1989. A Importância do ato de ler. Cortez, São Paulo - https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf

FREIRE, P. 1997. Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, Rio de Janeiro.

GRAEBER, D. & WENGROW, D. 2022. O Despertar de Tudo – Uma nova história da Humanidade. Companhia das Letras.

HABER, J. 2020. Critical Thinking. MIT Press.

HARDING, S. 1998. Is Science Multicultural? Postcolonialisms, feminisms, and epistemologies. Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis.

HARDING, S. 2015. Objectivity and diversity: Another logic of scientific Research. U. of Chicago Press.

KRENAK, A. 2020. O Amanhã não está à venda. Companhia das Letras.

MARX, K. 1973. Contribuição para a Crítica da Economia Política. Estampa, Lisboa.

MINAYO, M.C.S. 2014. O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec.

PASTERNAK, N. & ORSI, C. 2020. Ciência no cotidiano: Viva a razão. Abaixo a ignorância! Contexto.

PASTERNAK, N. & ORSI, C. 2023. Que bobagem!: pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério. Contexto.

POPPER, K.R. 1959. The Logic of Scientific Discovery. Hutchinson of London, London.

POSKETT, J. 2022. Horizons: The global origins of modern science. Mariner Books.

ROSA, H. 2019. Resonance: A sociology of our relationship to the world. Polity.

ROUDINESCO, E. 2022. O Eu Soberano – Ensaio sobre as derivas identitárias. Zahar.

SANTOS, B.S. 2019. O Fim do Império Cognitivo – A afirmação das epistemologias do sul. Autêntica, Belo Horizonte.

THIOLLENT, M. 1986. Metodologia da pesquisa-ação. Cortez, São Paulo.

3. Organização do curso

1. Ao final do curso, entregar texto individual, via Teams, do “**projeto de pesquisa**” de cada estudante, reescrevendo o texto feito para a seleção, com 15 páginas (consultar Vícios metodológicos, e ensaio 628).

2. Aulas iniciais voltadas para: a) tratamento do texto **Pesquisa Qualitativa precisa de fundamentos epistemológicos**; b) tratamento dos temas básicos incluídos na ementa.

3. Apresentação de **grupos** sobre temas com **finalidade prática de pesquisa**; 5 grupos de tamanho igual:

i) Grupo 1: Como fazer entrevista de profundidade (consultar Pesquisa e informação qualitativa); estabelecer diferença entre entrevista formal quantitativa e qualitativa (olhar hermenêutico profundo). Exemplo: como saber se alguém é “feliz” (<https://docs.google.com/document/d/1qVjphapB8hVIsxsWYNmkyRbG8kdCs0IASf6puTbesQ/pub>)

ii) Grupo 2: Observação participante – como observar cientificamente adolescentes privados de liberdade em regime fechado, sob o foco da reação à privação (o que é “observar” cientificamente; dimensão selecionada para ser observada (digamos, como se percebe a privação, no adolescente e no observador; roteiro do que se pretende observar; coleta dos dados)

iii) Grupo 3: Grupo focal (ver Backes et alii) – como colher dados qualitativos de um grupo reunido para conversar sobre tema específico.

iv) Grupo 4: Pesquisa-ação (Thiollent): conceber pesquisa que quer analisar a realidade e contribuir para mudar; objeto da pesquisa como sujeito.

v) Grupo 5: O “qualitativo” da pesquisa qualitativa (Ensaio 771)

4. Havendo tempo, podemos organizar a apresentação dos “**projetos de pesquisa**” de cada estudante.

Lembramos que o curso é, por determinação da CAPES, “**presencial**”.